

O PALHAÇO E A CRÍTICA DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Waleska Bottechia Mezher Pereira¹

Resumo:

O objetivo da pesquisa é compreender a presença no filme “O Palhaço” de elementos que compõe a contemporaneidade. Serão abordados três temas pertinentes à sociedade contemporânea: rompimento do papel social pré-estabelecido, desvalorização do indivíduo e sua identidade, e por fim a questão da substituição do papel de cidadão pelo de consumidor. Embora seja um produto da indústria cultural, o filme apresenta um discurso crítico ao sistema capitalista, através do rompimento do papel social vivido pelo personagem principal (o palhaço Benjamin), e pela sua luta para estabelecer uma identidade plena numa sociedade que desvaloriza o cidadão e estimula o consumidor, enfraquecendo a identidade do indivíduo através da insegurança, gerada pelo incentivo à aquisição de mercadorias num mundo em constante mutação. Referencial Teórico: Fredric Jameson, Christopher Lasch, Louis Althusser, Wolfgang Haug.

Palavras-chave: O Palhaço. Contemporaneidade. Identidade Plena. Papel Social. Indústria Cultural.

O longa-metragem “O Palhaço”² foi dirigido, estrelado e co-roteirizado pelo ator Selton Mello, a trama se passa num circo itinerante, de nome “Esperança”, onde se apresentam a dupla de palhaços Pangaré (Benjamin) e Puro Sangue (Valdemar). Este último é o dono, que em meio a certas dificuldades financeiras procura manter o circo em funcionamento, e para isso deixa ao encargo de seu filho Benjamin a resolução dos problemas e impasses do circo, o que acontece concomitantemente a uma crise existencial e profissional, que o faz refletir sobre sua identidade e sua escolha profissional de continuar ou não atuando como palhaço.

¹Mestre em Comunicação pela Faculdade Cásper Libero. waleska.bmpereira@gmail.com

² O Filme "O Palhaço", de Selton Mello, foi o principal vencedor do Grande Prêmio do Cinema Brasileiro, levando 12 dos 14 troféus Grande Otelo, incluindo melhor filme, diretor, ator. Informações do site folha de São Paulo, em 16/10/2012, acessado pelo site da UOL / Folha de São Paulo em 26/01/2013.

10º interprogramas de **mestrado** FACULDADE CÁSPER LÍBERO



O filme é construído a partir do olhar do personagem Benjamin: criado dentro do circo pelo seu pai Valdemar, não tem carteira de identidade, apenas uma certidão de nascimento mal conservada. Benjamin não possui documentos e nem endereço fixo, sendo esta última uma característica vivida pelos artistas circenses e retratada no filme através da convivência com a sua “família”: os irmãos músicos, o casal de acrobatas, o anão, o “homem forte”, a mulher que cospe fogo, seu marido o ilusionista, a sua filha Guilhermina, e a dançarina namorada de seu pai.

Ao retratar o cotidiano do artista circense, o filme mostra as estradas e as cidadezinhas que são palco das sessões de apresentações, onde o Circo Esperança exhibe sua trupe, que aparentemente vive em harmonia sob suas máscaras de atores, mas traz consigo a banalidade e a repetição como aspecto central do cotidiano vivido fora de cena.

Benjamin ao contrário de sua “família” se mostra deslocado, permanentemente incomodado em meio à sua melancolia, vive de forma introspectiva, imerso em sua crise profissional e existencial. Diversas questões o atormentam: resolver o alvará do circo, o motor do carro que “bateu”; até mesmo as questões pessoais dos integrantes acabam ficando sob sua responsabilidade, como a dor de cabeça de um dos integrantes e o sutiã para a integrante da trupe.

Um Filme Pós-Moderno e Moderno

O filme “O Palhaço” faz alusão a alguns elementos que compõe a contemporaneidade, contudo para compreender estes elementos, é necessário entender certas características do pós-modernismo. Segundo Jameson (1996, p.29) “parece essencial entender o pós-modernismo não como um estilo, mas como uma dominação cultural”, que carrega a fragmentação, trazida pela pluralidade social, vínculos sociais marcados cada vez menos pela racionalidade, ou seja, esvaziamento do pensamento crítico, falta de profundidade e o enfraquecimento da historicidade.

A articulação crítica que o filme traz entre esses elementos contemporâneos e a pós-modernidade através da nossa sociedade, pode ser vista desde o início do longa metragem, em que uma temporalidade não demarcada ou referenciada é apresentada ao longo do filme, em que se observa em suas cenas carros antigos que parecem da década de 70 e ao mesmo tempo, eletrodomésticos, no caso um ventilador, com design mais atuais.



Um “ar melancólico” se mostra já nas primeiras cenas do filme e no decorrer do mesmo, de maneira que suas cores se acentuam nas cenas do picadeiro, ritmo acelerado e luzes acesas se contrabalanceiam e se contrastam com cenas fora dele, nelas as cores se tornam mais brandas, os planos longos e com ritmo lento marcam de maneira singular.

A atemporalidade se apresenta até mesmo na vida dos personagens, como os vividos pela trupe, família circense de Benjamin, que aparecem desconectados de um tempo específico, assim como o próprio Benjamin e seu pai, adaptados ao presente e ao cotidiano, não revela ou religam sua vida aos fatos de seu passado.

Contudo, ao mesmo tempo, trazem em suas “maquiagens de palhaço” questões profundas (nesse quesito a modernidade se apresenta com grande peso e influência no filme) encobertas pela “atuação do dia-a-dia” que os atormentam, e escondem a melancolia e banalidade do cotidiano, e que se aprofundam no deslocamento de Benjamin. O passado, que marcaria ou traria referências importantes ao presente e o futuro, passa a não existir e com isso, o período em que maturamos ideias, e por assim dizer, reflexões que nos trazem o amadurecimento, são colocadas em xeque, já que na pós-modernidade, conforme Jameson (1996) há uma ruptura com o passado, os vínculos entre o presente e o futuro se rompem.

O tempo “real” parece surgir com intuito de demarcar a importância da sua crise de identidade pessoal e profissional (sendo essa profundidade um elemento moderno que contrasta com esse presente indefinidamente repetido). A modernidade ainda se apresenta como o tempo linear, uma vez que o filme não tem rupturas de tempo, mantendo desta forma a ordem cronológica da sua história.

O contraste se acentua ainda mais através do circo itinerante que faz alusão ao movimento, característica de uma sociedade contemporânea em que a rapidez está intimamente ligada ao aumento de produção e consumo; contudo o discurso cinematográfico é exibido de forma lenta, com poucos recursos tecnológicos (sem efeitos especiais) que entra em contradição com toda a tecnologia com a qual a sociedade contemporânea está hipnoticamente deslumbrada.

Essa mistura de elementos modernos e pós-modernos pode ser atribuída ao fato do filme pretender realizar uma crítica da sociedade contemporânea do interior da indústria cultural. A trajetória do personagem Benjamin apresenta essa crítica, pois ele substitui um

cotidiano (pós-moderno) esvaziado de sentido por uma identidade (moderna) afirmada por ele mesmo como uma opção de vida.

Outros aspectos da modernidade são representados no filme os quais se misturam com elementos pós-modernos, é o caso da ideia de liberdade trazida pelo personagem Benjamim ao deixar o circo, contudo a ideia de liberdade individual não faria sentido se o indivíduo se “bastasse” em si mesmo, nesse caso, a profundidade da identidade é reforçada.

Percebe-se que o filme traz como característica principal o cotidiano e a subjetividade do personagem, o que acarreta um contraste entre o elemento da pós-modernidade, que é a falta de profundidade, trazida pelo cotidiano “esvaziado de capacidade crítica”, de reconhecer um mundo no qual eu pertenço ou não. Esse esvaziamento crítico também se refere à rejeição de explicações do mundo abrangente, que conseqüentemente, segundo Jameson (1996), traz dificuldade para situá-lo dentro desse mundo que está em constante mutação. Isso também pode ser correlacionado com o fato do filme tratar de um circo, algo “limitado”, um “mundo a parte de todo o resto”.

A ideia do mundo em mutação também pode ser associada no filme com a ideia do circo, o qual está constantemente se reinventando, através da substituição e ou modificação de espetáculos circenses para atrair maior quantidade de público.

A subjetividade que pode ser percebida como um elemento da modernidade, em que a questão da individualidade pode ser apurada em meio à busca de uma identidade plena. Nesse caso, o filme traz a questão da possibilidade do diálogo interno do personagem Benjamin diante da sua realidade, que busca por meio de questionamentos e reflexões sobre si e ao mundo, a sua identidade plena.

Ao incorporar elementos opostos, o filme correlaciona, alterna e contrasta a pós-modernidade com a modernidade, sendo que a pós-modernidade traz o pastiche, que incorpora e mistura elementos, criando um “novo” a partir de “velhas” ideias, a reciclagem,

pode ser vista também de forma crítica, apresentada neste filme através do humor nostálgico e do clichê do palhaço triste.

Conforme Jameson (1996), na pós-modernidade a profundidade deixa de fazer sentido, pois as questões que eram refletidas através de uma base teórica alinhada às premissas de nossas vivências que nos orientam, foram substituídas pela superficialidade, que reflete através das nossas “máscaras sociais” o que eu “gostaria de ser” ao invés da profundidade de quem “eu realmente sou”, sendo que na modernidade, essa questão é de suma importância para a apuração da nossa personalidade estabelecida de forma plena, essa profundidade na modernidade se estabelece como base de um olhar crítico ao que está acontecendo ao seu redor.

Este tipo de “olhar” acarreta grandes mudanças na relação entre o que “eu sou” e o que eu mostro ser para a sociedade. Isso pode ser observado ao longo do filme, em que o personagem Benjamin (o palhaço Pangaré), exibe em seu show circense alegria, mas em contrapartida está de fato triste e desanimado.

A Família, os Papéis Sociais e a Questão da Identidade

Como no filme os personagens principais são pai e filho, pode-se observar ainda que de forma fictícia, através dessa relação sintetizada na trama, a influência que a família exerce no papel que desempenhamos na sociedade, seja como cidadãos, indivíduos ou profissionais.

10º interprogramas de **mestrado** FACULDADE CÁSPER LÍBERO



Neste caso específico, Benjamin, de uma forma subliminar questiona a si mesmo se deve ou não continuar na profissão de palhaço, já que isso não lhe faz mais feliz e ao levar a inquietação ao seu pai, se depara com a resposta determinista, de que fazemos (profissionalmente) o que sabemos fazer. Ao ver esta cena, é possível correlacionar e refletir sobre até que ponto, valores e referenciais de vida em sociedade são provenientes da família ou da escola ou outras instituições e o quanto que isso afeta as nossas decisões cotidianas e de relacionamento social.

Ao levantar questões e reflexões referentes ao rompimento com os papéis sociais pré-estabelecidos em nossa sociedade, o filme “O Palhaço” traz na trama a crise profissional e pessoal do artista ao tentar romper com o seu papel de palhaço, profissão herdada do pai, e muitas vezes repassada de geração em geração, como é o caso de muitas funções exercidas no circo. Desta forma, a família passa a ter uma influência ainda maior, uma vez que, o circo é algo “fechado”, quase como um “mundo a parte”.

A Indústria cultural recicla os conteúdos já oriundos dela mesma, como novas formas e categorias que quando se mesclam se tornam “novos” elementos, o que faz com que se eleja o brega como algo espetacular ou totalmente novo. Esta nova forma de “mistura” estabelecida na sociedade contemporânea é expressa de forma “reciclada”, devendo ser analisada não só como domínio cultural das mídias, já que segundo Jameson (1996), isso se refere a um novo capitalismo onde tudo se torna mercadoria, e as imagens

têm um papel fundamental neste processo. Sendo assim, a produção cultural precisa encontrar o seu caminho, dentro da diversidade de estilos do pós-moderno, o que trouxe mudanças significativas no cinema, incluindo o cinema comercial.

Um Indivíduo em Busca de sua Identidade



No filme *O Palhaço*, o personagem Benjamin, se sente deslocado dentro de seu papel de artista circense, traz um vazio que extrapola a dimensão profissional, e na medida em que este vazio se instala na vida pessoal do personagem, faz com que exprima em seus gestos e atitudes (dentro e fora do picadeiro) sua tristeza de maneira nostálgica.

Como consequência, há certo afastamento de sua realidade, no caso de Benjamin a vida circense é o único estilo de vida conhecido por ele, já que sua vida inteira foi vivida dentro de um circo, e como solução possível a este “vazio”, e em meio a tantos problemas, Benjamin acredita que ao largar o circo sua saída possibilitará novas possibilidades e oportunidades, já que não terá mais os “velhos problemas”.

Benjamin se recorda da loja de eletrodomésticos que visitou em uma das cidades em que o circo apresentou seu espetáculo, e ao avistar o ventilador (objeto de desejo constante do personagem), questionou o valor e sua forma de pagamento, contudo, a

10º interprogramas de **mestrado** FACULDADE CÁSPER LÍBERO

impossibilidade da compra foi devido à falta de documentos, no caso carteira de identidade, CPF e comprovante de endereço.

Benjamin, que na primeira visita à loja se sentiu triste e desanimado por não conseguir comprar o ventilador, desta vez, retorna com a intenção de se tornar vendedor e poder assim tirar sua carteira de identidade e CPF e ainda possuir um endereço fixo.

O mundo longe do circo mostra a Benjamin um mundo sem cor, diferentemente do que o personagem acreditava. O fato dos problemas e as responsabilidades serem inevitáveis faz com que o personagem se dê conta dessa realidade após algumas situações vivenciadas, como o início de um novo emprego numa loja, morar num lugar fixo e tirar os tão sonhados documentos (RG e CPF).



A busca pela sua identidade é claramente percebida ao extrapolar a matéria física do documento, e ir para essência interior do personagem, que procura em meio a reflexões e questionamentos, conhecer a sociedade e a si mesmo, se enquadrar e desta forma encontrar a profissão que lhe faz feliz.

10º interprogramas de **mestrado** FACULDADE CÁSPER LÍBERO



Ao desbravar o mundo, Benjamin se defronta com uma série de situações diversas e inusitadas, que são vivenciadas por ele com várias personalidades excêntricas, como é o caso do funcionário público que se apresenta de forma esdrúxula na prefeitura e o delegado chamado Justo, que diferentemente de seu nome, pede propina à trupe circense. Benjamin percebe que o mundo fora do circo não se revela tão extraordinário e diverso como ele sonhava.

Em meio a seu percurso em busca da sua identidade, Benjamin de forma simples e desajeitada tropeça nos seus erros e nas normas sociais, desta forma se desorienta, se desconstrói em suas reflexões. Na procura de esclarecimentos a respeito de si mesmo e do mundo, o personagem embaralha e desembaralha a sua realidade, e sofre em seus momentos melancólicos e de tristeza. Percebe a coexistência de realidades opostas, até então, não conhecidas pelo personagem.

Benjamin ao refletir sobre a realidade do mundo que passa a conhecer, e a fantasia, presente também em sua profissão, ele compreende seu lugar de pertencimento, com isso consegue se situar em meio à sua realidade de forma segura e plena de seus limites, porque se conhece e domina a arte que lhe faz feliz. Com essa nova perspectiva, conquistada através do humor, Benjamin retorna ao circo e encontra em meio às brechas do cotidiano sua graça e alegria provenientes da sua essência e personalidade, mas articulada por meio de sua profissão de palhaço.

O contentamento e a satisfação de Benjamin em seu retorno trazem consigo a cédula de identidade e seu tão sonhado ventilador. Ao chegar ao circo, é contemplado com a alegria do pai e o resto da trupe circense. Descobre em meio à sessão de apresentação que a namorada do pai foi expulsa da trupe e a pequena Guilhermina agora ocupa o lugar de Lola no picadeiro. E assim segue o Circo Esperança.

A Redução do Indivíduo a Consumidor

Neste filme, o personagem principal, Benjamin, em meio a sua crise profissional, projeta em um objeto, no caso um ventilador, a sua realização e satisfação pessoal. Esse esvaziamento da satisfação no trabalho é transferido ao nos tornarmos consumidores, sendo que a sociedade capitalista em que vivemos também pode ser considerada dos objetos, segundo Lasch (1986), a motivação para a compra vem do imaginário construído através de imagens ligadas ao objeto e cada vez mais sedutoras, o que nos impulsiona ainda mais para sua aquisição.



De acordo com Lasch (1986), a “quebra ou fragmentação” da individualidade pode ser repensada como um possível sintoma de uma sociedade que desvaloriza o indivíduo e sua identidade, através da insegurança gerada pela necessidade de se apresentar sempre sob o olhar do outro, o reconhecimento pelo outro. A imagem se torna um elemento fundamental, uma extensão do eu, em que a projeção dessa imagem com o seu vínculo com

o real, muitas vezes não é correspondida, sendo que a imagem identificada é utilizada na construção da identidade num mundo em mutação, em que nada permanece. Isso ocorre através de mercadorias que nos cercam, objetos que estão sempre mudando ou sendo substituídos, apelos de consumo que se estabelecem no tempo presente, já que o futuro é incerto (um exemplo é a crise econômica).

Desta forma, a mentalidade de sobrevivência e a insegurança do que eu preciso fazer, ou como fazer e dos meus limites, são supridos por imagens carregadas de ilusões e transportadas para os objetos que necessitam ser consumidos e revertidos em satisfação, de forma a se contrapor à insegurança que permeia a individualidade, e que se mostram um excelente agente na promoção e fortalecimento de mecanismos de controles sociais. De acordo com Lasch (1986, p.19):

[...] os arranjos sociais que sustentam um sistema de produção em massa e consumo de massa tendem a desencorajar a iniciativa e a autoconfiança e a incentivar a dependência, a passividade e o estado de espírito do espectador, tanto no trabalho como no lazer. O consumismo é apenas a outra faceta da degradação do trabalho.

Nesse sentido de manter a individualidade, Baudrillard (1991), fala a respeito da manutenção das diferenças, fato que não acontece na sociedade contemporânea, que traz a indiferenciação como consequência da saturação de informações, as imagens oriundas desse processo de saturação, são associadas a objetos e muitas vezes conectadas a construção de determinados “tipos” de personalidade, favoráveis para a lógica comercial capitalista. Nesse contexto, Lasch (1986), coloca que a relação do indivíduo com a sociedade é intermediada pelas mercadorias que utiliza imagens, as quais projetamos nessa relação a extensão do eu, ou seja, a identidade passa a ser marcada pela projeção da imagem com a qual me identifico.

Segundo Lasch (1986), a individualidade é também formada pela compreensão do “meu lugar” no mundo, também de acordo com Bourdieu (1997) é importante conhecer o mundo do qual fazemos parte, nós só nos tornamos indivíduos quando reconhecemos quais

foram às influências que serviram de base para a construção da nossa sociedade. Já para Baudrillard (1991) a sociedade contemporânea traz o fim da identidade, já que não conseguimos mais se localizar no tempo e espaço.

O filme expõe em sua história, a questão do esvaziamento do indivíduo como ser humano, e a sua substituição pela figura do cidadão-consumidor dentro do sistema capitalista, que procura transformar os nossos desejos em mercadorias e intermediar assim nossas relações com base nelas. Esse tema se faz presente pelo personagem principal, Benjamin, que deseja adquirir um ventilador e como não tem documento de identidade e endereço fixo, não consegue efetivar a compra. Ele consegue posteriormente o documento e o endereço, concretiza a compra, contudo não se sente realizado como ser humano.

De acordo com Lasch (1986), o esvaziamento da cidadania se dá na medida em que consumimos. Sendo que, no universo do consumo, as escolhas não podem ser definitivas, ou seja, a minha identidade e opinião também devem mudar, uma vez que o mundo é cada vez mais segmentado e grupos são construídos a partir do consumo. Há uma limitação naquilo que eu sou e que eu posso consumir.

Na sociedade do consumo, segundo Lasch (1986), a identidade se torna algo “aberto”, suscetível a mudanças, incerto e a todo o momento passa a ser reconstruída. Portanto, o mundo já segmentado se constitui sob o laço do consumo, que promove o esvaziamento da nossa identidade e a perda dos valores básicos que não deveriam ser modificados; contudo, neste processo de esvaziamento a perda dos vínculos mais profundos e a indução comportamental pautada no consumo, trazem diversas consequências: o esvaziamento da política, da economia e da cidadania; no entanto para se reproduzir a sociedade capitalista precisa induzir comportamentos, restringir opções e moldar o ser humano.

A crise de subjetividade, que pode ser observada pelo personagem Benjamin, no filme “O Palhaço”, deriva também da sujeição do indivíduo pelo consumo, e cada vez mais

marcado pela imagem. As cenas em que aparece o ventilador, (o que acontece desde os momentos iniciais até o final do filme), aparece de forma a enaltecer o objeto como se fosse algo extraordinário e como a resolução, nem que parcial, dos problemas do personagem, algo quase como um delírio ou mesmo um sonho indispensável.

A nossa subjetividade é direcionada pela sociedade capitalista através da estética, que tem a capacidade de afetar os nossos sentidos vinculados à materialidade, o que provoca sensações e desejos através da mercadoria, conforme afirmação de Haug (1997:71) “O capitalismo baseia-se num quiproquó: todos os objetivos humanos – a vida nua e crua por assim dizer são considerados pelo sistema como meros pretextos e meios...” É o caso do ventilador no filme “O palhaço”, ele também traz uma associação ao universo do consumo e ao desejo pelo personagem do objeto, sendo que na relação entre os objetos e os consumidores além de sua dependência gerada pela satisfação, acarreta a criação de novos grupos sociais que vão se redefinindo a partir da relação humana que é intermediada pela mercadoria.

O conhecimento e a reflexão sobre a realidade do circo faz com que o personagem compreenda que a sua identidade deve ser plena, no sentido que compreende o mundo ao seu redor, e se estabelece seguro de seus limites perante a esse mundo pós-moderno. De acordo com Lasch (1986, p.12):

...As condições sociais vigentes, especialmente as fantásticas imagens da produção de massa que formam as nossas concepções do mundo, não somente encorajam uma contração defensiva do eu, como colaboram para apagar as fronteiras entre o indivíduo e seu meio...O eu mínimo ou narcisista é, antes de tudo, um eu inseguro de seus próprios limites, que ora almeja reconstruir o mundo a sua própria imagem, ora anseia fundir-se em seu ambiente numa extasiada união.

Contudo, o personagem Benjamin, percebe que sua profissão de artista transita entre esta realidade (que é sempre criada) e o mundo da fantasia (imagens oscilantes), segundo Lasch (1986), sendo difícil a distinção entre esses elementos na sociedade contemporânea, em que a cada dia se perde a capacidade de criar, se reinventar e

principalmente no caso de Benjamin (palhaço) brincar, este ponto elucidado como a figura do palhaço se torna essencial e fundamental para a ruptura de certezas dogmáticas e de reproduções ideológicas estabelecidas na sociedade através de “regras sociais” inseridas nas esferas da família, trabalho e consumo.

A compreensão da realidade social do personagem se estabelece também através do domínio provisório do mundo, fato que ocorre quando sai do circo para conhecer o “mundo” fora dele, e ao mesmo tempo não rejeita a sua dependência do circo (neste caso, a inseparabilidade dele ao mundo que pertence), sendo a realização da individualidade a consciência das nossas ilimitadas aspirações e a nossa compreensão limitada, conforme afirmação do Lasch (1986, p.13):

A realização da individualidade, que a nossa cultura torna tão difícil, pode ser definida como o conhecimento da nossa separação da fonte original da vida, associada a uma luta contínua para recuperar um sentido de união primitiva mediante uma atividade que nos dá uma compreensão e domínio provisório do mundo sem rejeitar as nossas limitações e dependência. A individualidade é a dolorosa consciência da tensão entre as nossas aspirações ilimitadas e a nossa compreensão limitada, entre nossas sugestões originais de imortalidade e o nosso estado cativo, entre a unidade e separação.

Benjamin integra a realização da sua identidade com sua atividade profissional, na qual desenvolve a tão sonhada liberdade, exercida por meio de suas atitudes no picadeiro como palhaço. Deste modo, o personagem Benjamin se liberta ao se conhecer e dominar o mundo ao seu redor, neste caso o picadeiro, e traz com isso a possibilidade de um olhar crítico ao seu mundo mutável, o que acarreta na perfeita combinação da sua personalidade que pensa, sonha e reflete às vezes de forma absurda, grotesca, poética, que dá voltas na realidade concreta e mostra de forma exuberante o belo e o feio, ao revelar desta forma o próprio caráter de um ser humano que nessa sociedade contemporânea é sempre plural.

Referências

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado**. In: Um mapa da ideologia. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 1996.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacro e Simulações**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1991.

10^o interprogramas de **mestrado** FACULDADE CÁSPER LÍBERO

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

HAUG, Wolfgang Fritz. **Crítica da Estética da Mercadoria**. São Paulo: UNESP, 1997.

JAMESON, Fredric. **Pós-Modernismo. A Lógica Cultural do Capitalismo Tardio**. São Paulo: Ática: 1996.

LASCH, Christopher. **Cultura do Narcisismo**. Rio de Janeiro: Ed.Imago, 1983.

_____. **O Mínimo Eu**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

Cinematografia: Filme “O Palhaço”.